

EDITORIAL

ADRIANO KURLE¹

Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT) - Brasil
adrianobk@gmail.com

MICHELA BORDIGNON²

Universidade Federal do ABC (UFABC) - Brasil
michelabordignon81@yahoo.it

MARIO SPEZZAPRIA³

Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT) - Brasil
mariospezzapria@yahoo.it

É com grande satisfação que apresentamos o dossiê “Filosofia Clássica Alemã”, organizado em comemoração à realização do II Seminário de Filosofia Clássica Alemã, realizado entre os dias 14 e 16 de agosto de 2019, no Instituto de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal de Mato Grosso, campus Cuiabá. O evento envolveu alguns membros dos Grupos de Pesquisa “Dialética” (UNIOESTE) e “Iluminismo À Contraluz” (USP/UFMT), e contou com a organização de professores de distintas instituições: Adriano Kurle (UFMT), Mario Spezzapria (UFMT), Humberto Schubert Coelho (UFJF), Luís Henrique Dreher (UFJF), Bruno Cunha (UFSJ), e Luciano Utteich (UNIOESTE – PR). O seminário contou com apoio da CAPES e dos programas de pós-graduação e graduação em filosofia das referidas universidades dos organizadores.

Com este evento, buscamos reunir pesquisadores da área de Filosofia Clássica Alemã a nível nacional, de modo a incluir outras regiões do país na produção científica nacional, que tende a se concentrar no sudeste. Este dossiê vem consolidar a parceria realizada na organização do evento e ressaltar o desenvolvimento da pesquisa na área. Cada vez mais a produção científica no Brasil demonstra evoluir no estudo de Filosofia Clássica Alemã, não apenas na busca de ampliar a exegese e a interpretação dos autores envolvidos na área, mas também traduzir e aplicar suas teorias e conceitos para interpretar a realidade

¹ Professor da Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT).

² Professora da Universidade Federal do ABC (UFABC).

³ Professor da Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT).

contemporânea. Com este número, acreditamos que se pode exemplificar como a Filosofia Clássica Alemã permanece relevante e atual. Acreditamos que o desenvolvimento da filosofia brasileira não possa prescindir do conhecimento da filosofia clássica e dos autores já renomados, considerando que isto de modo algum excluiria a possibilidade de desenvolvimento da filosofia brasileira de acordo com interesses que visem sua autonomia. Rico é aquele que, além de ampliar cada vez mais seu diálogo, é capaz de se apropriar de modo original ou útil daquilo que os outros desenvolveram.

Os artigos apresentados neste número são organizados em ordem de afinidade temática. Iniciamos por nosso autor convidado, Oliver Tolle, com o artigo “A inferência analógica: um debate entre Christian Selle e Marcus Herz nas páginas do Mensário Berlinense”, em que o autor analisa um debate entre Christian Gottlieb Selle e Marcus Herz sobre a validade da inferência analógica. Segundo o autor, a análise deste debate permite vislumbrar alguns aspectos-chave do choque entre a filosofia transcendental de Kant e o materialismo de Selle. Além da análise do debate, o autor inclui, em anexo ao artigo, a tradução integral dos artigos que compõem o debate.

A este artigo segue-se uma análise sistemática da Antropologia no pensamento de Kant, no artigo “Kant e a questão antropológica”, de Wendell Lopes. Nesse artigo, o autor visa mostrar a centralidade da questão antropológica no pensamento kantiano, investigando como se pode pensar a relação entre o que Kant chama de antropologia pragmática e de antropologia prática ou moral. A hipótese do autor é que a primeira (de caráter empírico) possui uma identidade ou, ao menos, uma aproximação com a segunda (de caráter *a priori*), em contraposição a intérpretes que traçam uma distinção forte entre elas. O autor busca demonstrar a importância da antropologia defendendo a hipótese de que a razão não é, para Kant, uma capacidade inata, mas é desenvolvida historicamente. Para tanto, o autor se serve dos textos kantianos sobre filosofia da história. Ao final, o autor traça críticas gerais à filosofia kantiana, defendendo que a tentativa de Kant em escapar ao dualismo psicofísico de tipo cartesiano e ao incompatibilismo entre liberdade e natureza se enreda em problemas intrincados e acaba por fracassar.

Já no artigo “Schopenhauer: O termo alemão ‘*Fessel*’ nos quatro pontos de vista presentes na obra ‘O Mundo como Vontade e Representação’”, Eduardo Ribeiro da Fonseca visa esboçar uma compreensão dos quatro pontos de vista presentes como um sistema na obra magna de Arthur Schopenhauer, por intermédio da palavra “*Fessel*”. Essa noção não é propriamente um conceito filosófico do filósofo alemão, mas é utilizada por ele em um contexto especialmente produtivo para a finalidade que o autor se propõe, que é justamente a de articular esses pontos de vista, a saber, os pontos de vista do conhecimento, da metafísica da natureza, da metafísica do belo e o quarto ponto de vista, que é considerado o mais importante, ou seja, o do significado moral do mundo, a sua Ética.

Em “Evidências de dialeticidade no pensamento de Goethe”, Humberto Schubert Coelho oferece-nos uma contribuição na qual mostra que existe uma

dialeticidade subjacente ao pensamento de Goethe. Sua *Weltanschauung* tem por trás, poderíamos dizer, uma metafísica latente de caráter especificamente dinâmico, e esse dinamismo encontra sua expressão na tendência dialética de seu pensamento. A raiz metafísica e epistemológica dessa tendência encontra sua raiz, como o autor mostra na primeira parte do artigo, em uma influência decisiva do pensamento neoplatonista. Na parte central do artigo, o autor percorre alguns textos de Goethe, como *Até que ponto a ideia segundo a qual a beleza é perfeição com a liberdade pode ser aplicada à natureza orgânica*, *Ponderação e sujeição*, *Polaridade*, *A Natureza*, *Sobre morfologia* e *Observações sobre a morfologia em geral* e outros escritos sobre as ciências naturais para apresentar alguns pontos da dialética inerentes ao pensamento goetheano. Na última parte do artigo, seguindo os passos de Bloch, Coelho mostra como *Fausto* seria uma expressão máxima de uma dialética orgânica incorporada e atualizada de forma sistemática na *Fenomenologia do espírito* de Hegel.

O artigo de Luiz Felipe da Silva Oliveira, “A insuficiência da metafísica da substância no desenvolvimento de Hegel em Jena”, tem como foco uma fase do pensamento hegeliano que ainda é pouco estudada no debate brasileiro sobre Hegel e que é de fundamental importância justamente pelo tema de que trata esse texto: a crítica, no pensamento hegeliano, a uma metafísica do tipo substancialista é orientada para a articulação de uma proposta metafísica inovadora que, com termos hegelianos, podemos definir como metafísica da subjetividade. O autor mostra como essa passagem de uma metafísica da substância para uma metafísica da subjetividade ocorre em alguns textos da fase jenesa do pensamento hegeliano, com foco específico na relação entre as noções de negatividade e absoluto.

Já Guilherme Ferreira nos apresenta uma análise do problema da relação entre o início e o princípio do conhecimento na *Ciência da Lógica*, de Hegel. Em “A lógica do conteúdo no reino das sombras: o início e o princípio da *Ciência da Lógica* de Hegel”, Guilherme Ferreira analisa como o princípio geral de justificação do método lógico é uma determinação processual do conteúdo [*Gehalt*] por meio da exposição de conteúdos [*Inhalte*] lógicos, do que se segue, ao final, um exame sobre em que sentido se pode afirmar que a *Fenomenologia do espírito* é o princípio de pressuposição do método lógico. A hipótese central deste artigo é a de que a lógica de Hegel é essencialmente uma lógica do conteúdo [*Gehalt*], a ideia lógica imanente à exposição de conteúdos [*Inhalte*] lógicos.

Em “Hegel Feiticeiro? Observações sobre a crítica de Eric Voegelin a Hegel”, Hernandez Vivian Eichenberger apresenta e problematiza a crítica de Eric Voegelin a Hegel. Em primeiro lugar, o autor reconstrói as teses de Voegelin sobre Hegel a partir dos textos *De Hegel: Um estudo de feitiçaria e Resposta ao artigo “Uma nova história e um Deus novo, mas antigo?” do Professor Altizer*. Esses textos, como destaca Eichenberger, apresentam uma interpretação certamente polêmica, mas ao mesmo tempo particularmente interessante, do pensamento hegeliano, e ainda não suficientemente discutida no debate brasileiro. O objetivo do autor é explicar em que sentido Voegelin reconduz o pensamento hegeliano à tradição gnóstica, caracterizando-o como uma feitiçaria. Em segundo lugar, o autor identifica uma série de pontos críticos dentro desse tipo de interpretação. A análise concentra-se

não apenas nos limites das interpretações de Voegelin relacionados ao mal-entendido sobre os textos hegelianos, mas, sobretudo, nas pressuposições conservadoras, dentro das quais a abordagem de Voegelin aos textos hegelianos se enquadra.

Em “Porvir, ação e história entre *Fenomenologia do Espírito* e *Ciência da Lógica*”, Leonardo Mattana analisa a relação entre temporalidade e lógica em Hegel, tomando como base para sua investigação alguns trechos do caminho fenomenológico e da lógica hegeliana. Assumindo como ponto de partida o cancelamento do tempo que antecede a conquista do ponto de vista da ciência no saber absoluto, o autor passa a analisar a dialética da singularidade e da teleologia na *Ciência da lógica*. Através desse caminho, o autor pretende defender a tese da presença de uma temporalidade lógica que assume um valor metacategorial no sistema hegeliano.

No artigo “Patriotismo: entre a filosofia do direito de Hegel e a revolução francesa”, Eduardo Baker analisa o conceito de patriotismo na reflexão madura do pensamento hegeliano, com referência à filosofia do direito. O percurso traçado pelo autor coloca este conceito em diálogo com as concepções de patriotismo situadas na reflexão historiográfica sobre a revolução francesa e avalia a relevância das convergências que emergem desta análise comparativa na tentativa de repensar a filosofia do direito de Hegel, olhando, em particular, para a relação entre o indivíduo e o estado e a função do estado na concepção hegeliana da eticidade.